

RELATO DE EXPERIÊNCIA: A MUSICALIZAÇÃO PARA O ALFABETIZAR DA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN

EXPERIENCE REPORT: MUSICALIZATION FOR LITERACY CHILDREN WITH DOWN SYNDROME

Tatiany dos Santos Lima¹
Maria de Fátima O. Peringer²

RESUMO:

O presente artigo apresenta um relato de experiência com estudo de caso sobre a contribuição da musicalização para o alfabetizar da criança com Síndrome de *Down* do primeiro ano do Ensino Fundamental. O objetivo desse trabalho é analisar as contribuições da musicalização para o alfabetizar da criança com Síndrome de *Down*. A metodologia adotada para direção deste artigo, é de natureza básica, abordagem é qualitativa, uma pesquisa bibliográfica e relato de experiência. O relato de experiência é de uma das autoras, na sua sala de aula regular com uma criança com SD³, do primeiro ano do Ensino Fundamental de uma escola particular, trabalhando o processo de alfabetização com musicalização e contribuindo no seu desenvolvimento cognitivo. Consideramos que o papel da musicalização em todo procedimento foi crucial, visto que, a utilização dela como elemento didático-metodológico-contextual, contribuindo no reforço dos laços, aumentando a confiança e auto-estima, como também no desenvolvimento cognitivo da criança com SD, facilitando no seu alfabetizar.

Palavras-chave: Síndrome de *Down*. Musicalização. Alfabetização.

ABSTRACT:

This article presents an experience report with a case study on the contribution of musicalization to the literacy of children with Down Syndrome in the first year of Elementary School. The objective of this work is to analyze the contributions of musicalization to the literacy of children with Down Syndrome. The methodology adopted to direct this article is basic in nature, a qualitative approach, a bibliographical research and experience report. The experience report is from one of the authors, in her regular classroom with a child with DS, in the first year of elementary school at a private school, working on the literacy process with musicalization and contributing to their cognitive development. We consider that the role of musicalization in the entire procedure was crucial, since its use as a didactic-methodological-contextual element, contributing to strengthening bonds, increasing confidence and self-esteem, as well as the cognitive development of children with DS, making your literacy easier.

Keywords: Down Syndrome. Musicalization. Literacy.

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Campus Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM). Mestra em Educação e Ensino pelo o Mestrado Acadêmico Inter campi em Educação e Ensino (MAIE) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Pós- graduanda em Atendimento Educacional Especializado pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e Pós-graduanda em Psicopedagogia Institucional e Gestão Escolar pela Faculdade EDUCAMINAS.

² Graduação em Administração de Empresas pela PUCRS. Especialização em Controladoria pela UFRGS. Mestrado em Educação pela FAGED-UFRGS.

³ Síndrome de *Down*.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, abordamos um relato de experiência com estudo de caso sobre os caminhos e os contratempos do alfabetizar da criança com Síndrome de Down, esses “compassos” foram tocados no papel da musicalização para o desenvolvimento dos sujeitos com Síndrome de *Down*, com faixa etária de seis anos de idade.

Assentir uma proximidade no espaço histórico-cultural despertou em movimentar para essa “sinfonia” a diversidade de falas que compõem uma linguagem, possibilitando desenvolver a problemática em debate. Neste modo a questão norteadora deste artigo: **Qual a contribuição da musicalização para o alfabetizar e o aprendizado da criança com Síndrome de Down, do primeiro ano do Ensino Fundamental, anos iniciais?**

Pesquisar no viés da educação inclusiva é reconhecer uma índole histórica-cultural do objeto de estudo, tendo uma necessidade que o aprendizado e a experiência sejam revestidos como formação do conhecimento que se ocorre entre os sujeitos. Nesse contexto, os trâmites das pesquisas aproximam uma proporção na qual os textos elaborados, feitos e refletidos terão significados numa dada circunstância, numa conjuntura.

Nesse sentido, a hipótese levantada nesta pesquisa percorre ao relato de experiência no processo de alfabetização, atrelado à musicalização, partindo do pressuposto que o mesmo pode ser incrementado com a criança com Síndrome de *Down*, fortalecendo o seu desenvolvimento cognitivo e amenizar as dificuldades e obstáculos no seu alfabetizar.

E para dar conta da problemática, como “ornamento” para essa composição, o objetivo geral desse trabalho é analisar as contribuições da musicalização para o alfabetizar da criança com Síndrome de *Down* do primeiro ano do Ensino Fundamental. Como objetivos específicos:

- Estudar sobre o desenvolvimento cognitivo da criança com Síndrome de Down;
- Averiguar a contribuição da musicalização no desenvolvimento cognitivo da criança com Síndrome de *Down*;
- Identificar o papel da musicalização no processo de alfabetização das crianças com Síndrome de *Down* por meio do relato de experiência.

Para apoiar esse artigo temos como embasamento os estudos de diversos autores(as) relativos à alfabetização, musicalização e à Síndrome de Down.

A corporatura como instituímos nossas perquirições do objeto, a qual queremos explorar, culmina metodologicamente a forma como vamos inserir na semente da pesquisa e ao mesmo tempo, a predileção da metodologia influencia o meio como compomos essas inquirições. Bell (2020), no seu terceiro ensinamento que fala da pedagogia engajada, manifesta que aprendemos melhor quando há uma interação entre o estudante e a professora ou professor. Nesse viés podemos fazer um paralelo com a metodologia utilizada e objeto a ser pesquisado, é preciso ter um entrosamento.

A metodologia adotada para direção deste artigo, é de natureza básica, sem aplicações, quanto aos objetivos esse trabalho tem cunho exploratório (Viana, 2013 *apud* Mendonça, 2017, p.91). Sua abordagem é qualitativa, apoiada em Minayo (1994) e Magalhães, Martins e Resende (2017), a escolha da abordagem justifica-se por a mesma ser ideal para uma pesquisa que envolva relações sociais, visto que quando falamos de experiências educativas, estamos a praticar as relações sociais (Magalhães, Martins e Resende, 2017). Nesta linhagem, trabalhar com uma abordagem qualitativa possibilita interpretar e refletir em uma investigação social (Minayo, 1994).

Mediante aos procedimentos, é uma pesquisa bibliográfica, visto que é necessário amparar a pesquisa com fundamentação. Segundo Severino (2007), a pesquisa bibliográfica é uma pesquisa, baseada em pesquisas que estão disponíveis, categorias como “[...] fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos” (Severino, 2007, p. 122).

Desta forma, é indispensável pesquisar artigos, livros, dissertações e teses, com intuito de examinar as categorias que embasaram a pesquisa: Síndrome de *Down*, musicalização e alfabetização, essas já pesquisadas por outras autoras e autores.

Outro procedimento para compor esse artigo é o relato de experiência, considerado para os autores, Mussi, Flores e Almeida (2021) como personificação de escritos das vivências e experiências, esse podendo contribuir no conhecimento científico, visto que “O conhecimento humano está interligado ao saber escolarizado e aprendizagens advindas das experiências socioculturais” (Mussi; Flores; Almeida,

2021, p.63). Registrar por meio de trabalhos acadêmicos, torna o acesso a sociedade no intuito de que a mesma possa compreender questões mais relevantes e uma diversidade de assuntos que precisam serem debatidos, refletidos e compreendidos.

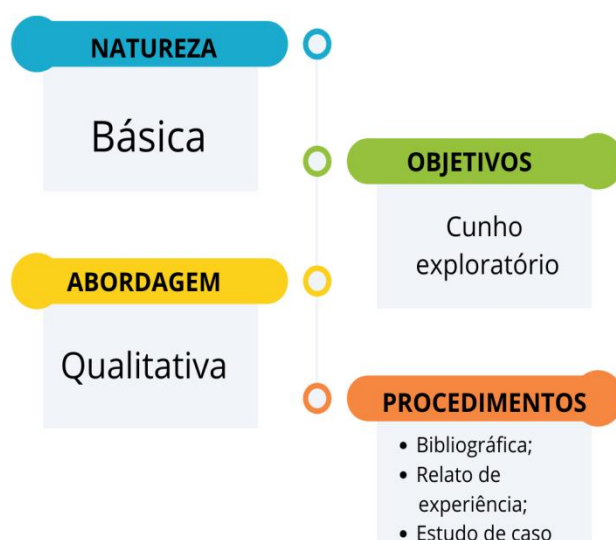
O Relato de experiência apresenta o conhecimento, mediante as vivências profissionais, dando ênfase a intervenção, destarte, é pertinente fazer uma interligação com a fundamentação científica e a construção de um diálogo crítico e reflexivo. Este relato de experiência, aconteceu no chão da sala de aula, no primeiro ano do fundamental I, anos iniciais, a fim de analisar e estudar aspectos do objeto de estudo (Viana, 2013, p.1 *apud* Mendonça, 2017, p.93).

Portanto, fazer uma pesquisa com relato de experiência e estudo de caso, vai ao encontro do que relata Lima (2024), “uma pesquisa não pode ser compreendida fora do contexto histórico, das relações sociais e culturais, das relações da mulher e dos homens com o objeto de estudo e dos homens/mulheres com os demais homens/mulheres” (Lima, 2024, p. 40).

O estudo de caso deste trabalho foi apoiado em Mendonça, (2017), quando a autora relata que: “consiste em coletar e analisar informações sobre determinado indivíduo, um grupo ou comunidade, a fim de estudar aspectos variados que sejam objeto da pesquisa”, (Viana, 2013, p.1 *apud* Mendonça, 2017, p.93).

Para facilitar a compreensão da leitora e do leitor, expõe-se um fluxograma com os elementos da metodologia da pesquisa:

Figura 1: Quadro síntese dos procedimentos metodológicos da pesquisa



Fonte: Elaborada pela autora, 2024.

A metodologia de análise da pesquisa, ampara-se na Análise do Discurso Crítica (ADC), dado que, quando pretendemos analisar as contribuições da musicalização para o alfabetizar da criança com Síndrome de *Down* do primeiro ano do Ensino Fundamental, buscamos refletir diante dos relatos de experiência, os sentidos basilar dos sujeitos sociais envolvidos, na práxis pedagógica do chão da sala de aula. Apoiado na Teoria Social do Discurso (TSD), Fairclough (2003) e Sousa (2015). Os relatos de experiência são interligados as conversões sociais, portanto, esse método de análise será propício deste trabalho, (Fairclough, 2003, tradução nossa). A ADC, é uma perspectiva que abre caminhos para as análises dos relatos, possam ser analisados com criticidade, aproximando as evidências com os textos elaborados, mediante o real contexto que os sujeitos estão inseridos (Sousa, 2015).

O lócus da pesquisa aconteceu numa Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental, **Harmonia**⁴ na sala de aula regular de uma das autoras, no primeiro ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Os sujeitos da pesquisa, a professora da sala regular e uma criança com Síndrome de Down com 6 anos de idade, com o nome fictício **Melodia**⁵.

Este artigo divide-se do seguinte modo: de princípio anunciar-se a introdução compondo a temática, os objetivos, metodologia e justificativa do trabalho. Sequentemente, discorreremos o trajeto da criança com Síndrome de Down. Em seguida adentramos as práticas de alfabetização da criança com SD, a partir dos relatos de experiências com musicalização e estudo de caso da menina **Melodia**. Por fim, segue a conclusão e as referências bibliográficas.

A criança com SD, enfrenta na sua caminhada, dificuldade em vários aspectos, um deles é a linguagem, portanto esse fator não atrapalha a forma dela de se comunicar, visto que não se pode limitar e nem determinar o desenvolvimento da criança SD, cada ser humano é único (Schwartzman, 1999).

Para Lima (2024), “o caminho da alfabetização e do letramento é um dos passos para a compreensão do eu e do outro, na sociedade que o sujeito está inserido. Contudo, o vocábulo “Alfabetização” tem vários sentidos” (Lima, 2024, p.25). Desta forma, a alfabetização não pode ficar somente envolta na aquisição de habilidade mecânica, no decodificar e codificar signos, mas devem inserir aspectos sociais, situações que tenham sentido e de acordo as vivências da criança. Para Soares (2004),

⁴ Nome fictício a fim de guardar a identidade da instituição.

⁵ O nome fictício é necessário para guardar a identidade da criança.

alfabetização está entrelaçada com o saber, e para cada saber exige seu fazer, para a materialização de cada saberes precede diferentes fazeres.

A música é uma arte a qual expressamos os nossos sentimentos, afetos e anseios mediante o som. Esse som permeia em nossas vidas desde muito cedo, na nossa geração, na barriga da nossa mãe, e conseqüentemente, toda vivência sonora e/ou musical mobiliza sensações bem primitivas, emoções antropomórficas que muitas vezes não sabemos explicar com palavras, apenas sentimos (Santos, 2021).

A música estimula nossas emoções, por ela podemos sorrir, chorar, odiar, amar, enfim, são efeitos sensoriais e emocionais, trazendo resultados cheios de significados. Assim, a problemática de tratarmos essa temática como a música em uma diversidade biológica, trazendo as objetividades indeterminadas, entretanto é sensato apontar o que diz Santos (2021), quando o autor declara que apenas a arte em sua autenticidade acabada consegue expressar e, por conseguinte, manifestar nos receptores alegrias, tristezas, esperanças, dores, etc. Deste modo, as determinações e indeterminações são circunstâncias que torna intenso o que envolve o mundo do ser.

Para Schafer (2011), a potencialidade da musicalização para as crianças com deficiência, abrem portas para ir além dos elementos estruturais da música, é possível caminhar em toda linguagem nessa arte, desta forma facilitando práticas pedagógicas dos docentes e o direito a participação plena dessas crianças.

Nessa regência, Santos (2021) aponta que a música evidencia, como uma arte poderosa, tornando a compreensão que incorpora ao viver humano, essa acomodação musical nas notações das partituras no complexo humano faz com que a música sobressaia das demais artes.

Este estudo justifica-se para uma análise nessas categorias no intuito de refletirmos sobre o papel da musicalização num contexto inclusivo do alfabetizar de crianças com SD, mediante aos relatos de experiência no chão da sala de aula do primeiro ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma escola particular, contribuindo as intervenções entrelaçadas as fundamentações teóricas e científicas. Justifica-se também, por consolidar pesquisas no âmbito da educação inclusiva, fortalecendo o ensino para crianças com SD e seu acesso às práticas de leitura e escrita. Esse trabalho tem relevância pois buscamos trazer um caso singular, o qual ocorreu numa escola particular, na sala de aula regular, no primeiro ano do Ensino Fundamental, durante quatro meses, principalmente, com uma pessoa única, uma criança com Síndrome de Down com seis anos de idade.

Buscamos fundamentação teoria, e notamos que são poucos trabalhos com essa temática, vale ressaltar que a maioria predomina, o carácter bibliográfico. Destacamos o estudo dos autores, Da Silva Gomes *et al* (2020), uma pesquisa bibliográfica, que tem como objetivo desvendar os benefícios que a musicalização pode oferecer no processo de desenvolvimento da criança com Síndrome de *Down*, dando ênfase aos efeitos terapêuticos para estimular o desenvolvimento global e suas habilidades de desempenho.

Ressaltamos também, uma pesquisa de mestrado do autor Campelo (2018), propõe estratégias psicopedagógicas com crianças com SD, a qual utiliza a musicalização como a principal ferramenta para conduzir as atividades, defendendo a musicalização como fio condutor para o desenvolvimento não somente, o afetivo e social, mas o desenvolvimento cognitivo dessas crianças.

Nesse deslizar das teclas, iremos analisar esse fazer musical na complexidade da inclusão. Depois de expor o objetivo e a problemática, é necessário pincelarmos o processo de aprendizagem das pessoas com SD, o papel da família e da escola para o desenvolvimento global dessa criança, para depois, na outra sessão entrarmos no relato de experiência.

2 OS SONS E AS PAUSAS DA CAMINHADA DA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN

Segundo Schwartzman (1999), Síndrome de Down (SD) é um estado genético que ocorre de 1:800 dos bebês nascidos vivos, tendo maior probabilidade quando a gestação seja na idade maior que 30 anos da progenitora. Ao nascer, as crianças com SD possuem traços faciais e craniano típicos, a criança apresenta baixa estatura, pescoço e mãos curtas e largas, flacidez muscular, dificuldade para falar, respirar e engolir, desta forma seu desenvolvimento psicomotor é afetado (Schwartzman, 1999).

A síndrome de Down não é uma enfermidade curável, podendo ter um crescimento ou uma diminuição. Ser uma pessoa com Síndrome de Down, ou trissomia do cromossomo 21, geneticamente é possui 47 cromossomos em suas células e não 46, como a maior parte dos humanos. Existem características análogas nos indivíduos com síndrome de Down e os mesmos estão propícios a doenças, por conta das alterações genéticas, assim precisam de uma atenção nos cuidados clínicos.

Existem várias características físicas para identificar crianças com síndrome

de Down, alguns deles são atípicos, não atrapalhando no crescimento e desenvolvimento da criança com SD. Para Cunningham (2008), identificar o indivíduo com Síndrome de Down, o autor relata de dez sinais que manifestam com a frequência de 50% a 80%, para a identificação da síndrome nas crianças. Na figura 2 estão sintetizadas algumas peculiaridades da pessoa com SD e suas porcentagens de acordo a frequência que se ocorrem:

Figura 2: Quadro síntese das características das pessoas com SD

CARACTERÍSTICAS	PORCENTAGEM	CARACTERÍSTICAS	PORCENTAGEM
DEFICIÊNCIA AUDITIVA	50% A 90%	DOBRA DE PELE NOS OLHOS	60% A 70%
DEFICIÊNCIA VISUAL EM MENINAS	50% A 60%	DOBRA DE PELE NOS OLHOS INCLINADA PARA CIMA	80% A 90%
DEFICIÊNCIA VISUAL EM MENINOS	35% A 45%	MANCHAS BRANCAS NAS BORDAS DA ÍRIS DO OLHOS	30% A 70%
DISTÚRBIOS CARDÍACOS	5%	OBSTRUÇÕES NAS VIA RESPIRATÓRIAS	30% A 50%
DISTÚRBIOS DE TIREÓIDE EM BEBÊ	1% A 4%	UMBIGO PROTRAÍDO	12% A 90%
DISTÚRBIOS DE TIREÓIDE EM ADOLESCENTES	10% A 25%	TÔNUS MUSCULAR BAIXO	95%

Fonte: Elaborada pela autora, 2024, baseada em Cunningham (2008).

Vale ressaltar que a deficiência visual é bem predominante na pessoa com SD, visto que é importante os docentes saberem dessa informação quando recebe uma criança com Síndrome de *Down* para poder adaptar o material didático, facilitar a visualização de seu aluno ou aluna.

Outro fator em relação a saúde, é a deficiência auditiva, essa ocorre mais nas meninas do que dos meninos, uma informação que a escola precisa estar ciente para facilitar o caminho do aprendizado da criança com SD. Problemas respiratórios também são comuns e os distúrbios da tireoide é mais propicio na fase adulta.

2.1 O desenvolvimento cognitivo da criança com Síndrome de *Down*

A alfabetização da criança com Síndrome de *Down* percorre a instigação no processo de aprender, visto que a criança com SD em relação sua intelectualidade, podem ter carência na mesma. Neste sentido, no decorrer da caminhada poderá encontrar desafios na sua aprendizagem, está vinculado com à linguagem, como

também a resolução de situações-problema. Consequentemente, a criança com Síndrome de *Down* no âmbito escolar, é indispensável o uso diversificado e diferenciado de técnicas, métodos e estratégias para apropriar no processo de ensino e aprendizagem, desta forma, pedagogicamente falando, é essencial um planejamento personalizado enfatizando as necessidades, características de cada discente.

Partindo desse pressuposto, certifica-se que qualquer indivíduo pode adquirir conhecimento, mas é necessário dar ênfase nos estímulos, estes adequadamente a cada situação, provocando dos docentes a preocupação de usarem nas suas salas de aulas recursos didáticos e metodologias que envolvam um ensino inclusivo, afim de objetivar uma visão envolvida com o desenvolvimento cognitivo de todos os discentes, principalmente daqueles que precisam de mais estímulos.

Portanto, mediante as competências da criança com SD de assimilar e compreender os conteúdos, como também seu direito assistido e assegurado de estar e permanecer inclusa nas escolas regulares, é sensato refletir sobre maneiras para que ocorra o ensino-aprendizagem, como estruturar adequadamente métodos que viabilizem o processo de alfabetização da criança com SD.

O aprendizado da criança com Síndrome de *Down* e a efetivação do progresso cognitivo é alicerçado não somente com as sumptuosidades genéticas, portanto, evidentemente, também com as habilidades e competências obtidas pela criança durante suas vivências. Segundo as autoras Silva e Barreto (2012), no requisito estimular a efetivação cognitiva da criança com SD, existe um leque de maneiras, metodologias para a estimulação, é preciso que a criança tenha esses estímulos precocemente para que aconteça esse desenvolvimento cognitivo e linguístico.

Apesar da criança com Síndrome de *Down* tem potencialidade para compreender e aprender, mas é essencial o incentivo visto que a ausência do mesmo, poderá prejudicar seu desenvolvimento cognitivo, motor e linguístico, dificultando seu progresso e a construção de sua autonomia no âmbito escolar como no familiar. Segundo Silva e Barreto (2012), os estímulos podem ser por várias maneiras em virtude do desenvolvimento cognitivo da criança com Síndrome de *Down* e uma delas é a música e a dança, contribuindo significativamente para as habilidades cognitivas da criança.

Mediante os obstáculos que venham a intervir no diálogo, portanto o interesse da interação, da comunicação e na construção que existe na criança com Síndrome de *Down* perpassam os obstáculos, ela terá a mesma conduta que todas as

crianças terão, conforme a interação com outro, será propício o diálogo, desta forma será construída a aquisição da linguagem (Schwartzman, 2003). Para Castro e Pimentel (2009), vale ressaltar que quando a criança amplia sua fala, conseqüentemente, estrutura sua inteligência, na criança com SD “a aquisição e a evolução da linguagem se processam lentamente” (Castro e Pimentel, 2009, p.306).

A intervenção educativa-social para as crianças com Síndrome de Down deve ser centralizada em ter conhecimento e aprofundamento desta síndrome e buscar fundamentação psicopedagógica educacional, nos avanços e mudanças que permeiam o seio da educação, para uma educação inclusiva. Visto que, quando nos preocupamos em garantir que a criança com SD está sendo assistida no requisito prevenção e correção dos problemas de saúde que são propícios ocorrerem, como a fala, que envolve a audição, fonação e respiração, desta forma o acompanhamento com os profissionais da saúde é primordial, em virtude de proporcionar uma qualidade de vida para a criança com SD.

Logo, a intervenção educativa-social, também deve garantir e oportunizar adequadas atividades educacionais em toda vida. A falta de estímulos ambientais poderão atrapalhar o aprendizado do sujeito com SD. (Schwartzman,1999).

Por isso a importância do diagnóstico precoce, visto que o acompanhamento deve ser desde cedo, no intuito da criança com SD, receba atendimento e que seja preparada para interagir com os outros e incluída na sociedade, na escola. Quando a criança com SD começa a frequentar a comunidade escolar, junto vem a descoberta de vários desafios, tanto para a família como para a escola.

2.2 O âmbito familiar e escolar da criança com Síndrome de Down

Para a comunidade escolar o primeiro desafio é a conduta dos pais em relação a educação de seu(a) filho(a), a família é peça principal para a socialização e o desenvolvimento, como o aprendizado da criança. Portanto, o caminho percorrido entre o diagnóstico até a aceitação do mesmo, permeia uma série de fatores que podem favorecer ou prejudicar a socialização e seu desenvolvimento.

A família passa por fases para poder se adaptar a “nova” realidade, segundo Braga Junior (2015), dentro da primeira fase a negação, tem várias reações dos pais, uma dela é a superproteção que por “pena” da criança vão conduzindo a criação da mesma sem limites, e a escola tem um papel primordial em instruir a família, a

importância da estimulação precoce, o conhecimento efetivo dos pais com a criança, com métodos e didáticas educacionais na busca do desenvolvimento e educação da criança com SD. São nas interações familiares que servirão de marcos para o desenvolvimento cognitivo, sócio-emocionais, como a linguagem. Os estímulos tornam a criança com SD, seguras, tem facilidade de socializar e conquistar autonomia ao longo da caminhada.

Na escola, a criança com SD, mesmo apresentando nível de dificuldades, Buckley e Bird (1998, tradução nossa), consideram uma melhora no seu aprendizado quando são incluídas em escolas regulares, assim quando a escola inclui a criança em diferentes contextos, a mesma vai aprender de modos diversos. Para os autores quando a escola tem consciência que é necessário trabalhar as individualidades, possuem um currículo flexivo e a forma de avaliar incluindo diversidade, visto que prioriza a preparação dos discentes envolvidos nas práticas sociais é o caminho para o sucesso (Buckley; Bird, 1998, tradução nossa).

Para Gonçalves et al (2008), a escola além dos aspectos pedagógicos, ela também pode oportunizar à criança com SD a continuidade dos conhecimentos e cuidados de saúde, uma vez que o âmbito escolar é lugar de ensino-aprendizagem, envolvidos nas interações sociais propiciando crescimento e valores.

No cenário escolar para Graaf (2002, tradução nossa), o docente é a peça fundamental para a efetivação da inclusão, no chão da sala de aula que o(a) professor(a) irá coordenar e ajustar o que é necessário mudar no ambiente escolar, será a ponte para a interação da sala com a criança com SD. Sobretudo esse profissional precisa conhecer a criança SD, estudar sobre a síndrome e a escola precisa apoiar com formações continuadas, para que o docente se sinta seguro mediante suas práticas, visto que quanto maior seu conhecimento no assunto, maior será sua segurança com sua prática.

Incluir é algo que ainda está em construção, é preciso quebras de paradigmas, a comunidade escolar, a sociedade precisa visar que os discentes são todos diferentes, que não se tem uma sala homogênea, que a diferença não se encontra apenas nos estudantes que têm alguma deficiência, a educação precisa ser pensada na complexidade de cada criança, de acordo suas habilidades e capacidades (Beyer, 2005).

Na próxima seção iremos discorrer sobre o relato de experiência em sala de aula regular no estudo de caso da criança com Síndrome de *Down* com seis anos de idade, usando musicalização para alfabetizar.

3 RELATO DE EXPERIÊNCIA: MUSICALIZAÇÃO PARA ALFABETIZAR CRIANÇAS COM SD

Trabalhar com musicalização numa perspectiva inclusiva é permeia o fazer musical como um elemento que funcione além da aprendizagem, mas para o desenvolvimento do ser humano, integralmente. Música é a forma viva da linguagem que foi sendo construída pelas interações sociais (Penna, 2012).

Muitas vezes a interação dá-se no primeiro dia de aula, assim ocorreu quando lecionava no primeiro ano do fundamental I, uma sala com vinte cinco discentes, no segundo semestre do ano letivo, chegou uma nova aluna na escola, a coordenadora passou a única informação, é uma criança com Síndrome de Down, e trouxe a menina para a sala de aula regular, não tive nenhum contato com os pais, no nosso primeiro momento. A criança sentou, apresentei ela para turma e no primeiro dia da criança em sala, o último da semana pois era uma sexta-feira, voltei para casa muito preocupada, pois não sabia nada sobre SD, na escola na época não tinha sala de AEE e nem profissionais especializados no assunto. Passei o fim de semana estudando sobre o assunto, na tarde de domingo mandei uma mensagem para a mãe da criança pedindo seu comparecimento na escola em virtude de conversamos e poder conhecer melhor sua filha. **Melodia** era uma criança com seis anos de idade que tinha dificuldade na linguagem, e deficiência na visão, ela usava óculos, segundo o relato da mãe, a criança era acompanhada por um fisioterapeuta e uma fonoaudióloga quinzenalmente. A mãe relatou que a filha na outra escola chorava todos os dias, não querendo ir para a escola, esse foi o motivo da mudança de escola.

O papel da escola é instruir cidadãos e cidadãs na conscientização de uma sociedade menos desigual e buscar maneiras de aprimorá-la. Destarte, a escola tem como papel de ensinar a aluna e o aluno a necessidade de compreender as vivências nos âmbito sócio-cultural, comumente a importância de respeitar os direitos dos outros numa relação mais igualitária e dialógica. Deste sentido, depois de estudar

sobre e conhecer melhor a **Melodia**⁶, tive uma conversa com a turma sobre Síndrome de *Down* e inclusão.

Sou musicista há 19 anos e sempre incluir a musicalização dentro da sala de aula, e nesse ano não foi diferente. A menina **Melodia** era uma garota tímida, sempre era bem calada no decorrer das aulas, num certo dia, eu estava trabalhando com as crianças sobre animais nocivos e para iniciar, fizemos uma roda de conversa, levei para o centro da roda, imagens de animais nocivos e perguntei o que elas sabiam sobre esses animais, a maior parte deu sua opinião, mas **Melodia** ficou calada somente observando.

Logo após esse momento, coloquei a música intitulada “Dona Aranha”, quando a música começou, **Melodia** se levantou e começou a dançar com muita animação, depois sentou, pegou a imagem da aranha e começou a falar da maneira dela, após ela terminar sua fala, a turma aplaudiu, ela se levantou e fez menção de agradecimento. Aquela cena, me despertou para, todos os dias incluir musicalização, visto que a linguagem musical, segundo as autoras Wachholz e Moll (2020, p. 03):

A música (e, por consequência, a musicalização) é reconhecida estratégia pedagógica capaz de incitar a reflexão do indivíduo, seja ele o musicista ou mero ouvinte. Regressando aos efeitos positivos primários que cercam a musicalização, com seus elementos de ritmo, melodia e harmonia, integram o sujeito em um mundo sonoro capaz de proporcionar, por meio do fazer musical o seu desenvolvimento global (Wachholz; Moll, 2020, p.03).

Neste sentido, pude perceber que trabalhar com musicalização ajudaria a **Melodia** no seu desenvolvimento Global. Desta forma, a utilização da musicalização entrelaçado as práticas lúdicas, facilitaram o desenvolvimento cognitivo e a alfabetização da turma e da aluna com SD, visto que é necessário uma práxis pedagógica que envolva a criança e adotar uma educação musical, tornou as aulas acochegantes e prazerosas. Portanto, para Wachholz e Moll (2020, p. 03):

É preciso uma prática pedagógica globalmente compreensiva do ser humano em sua integralidade, em suas múltiplas relações, dimensões e saberes, reconhecendo-o em sua singularidade e universalidade. A educação musical proporcionada aos estudantes de forma prazerosa, sensível e responsável, cobre perfeitamente este nicho, pois além de atuar como estimuladora das funções lógicas do cérebro oferece também possibilidades de fruição através da experiência estética musical (Wachholz; Moll, 2020, p.03) .

⁶ Foi dado um nome fictício, Melodia, para preservar sua imagem e demais aspectos relacionados a mesma.

Essa prática pedagógica a qual as autoras relatam, na linhagem da musicalização, tornou-a protagonista no chão da minha sala de aula, visto que a cada dia conseguíamos notar uma evolução da turma, principalmente da menina **Melodia**. Outro episódio marcante, foi na aula que trabalhei com as crianças os padrões silábicos da letra D e gênero textual receita, apoiada no método global, analítico, do todo para as partes, coloquei a música para as crianças escutarem, que tem como título “Doce, Doce, Doce!”, a menina **Melodia** ficou muito animada, pegou nas minhas mãos e começou a dançar comigo e cantarolar, essa cena vai ao encontro o que discorrem Cool e Teberosky (2000):

O prazer físico e emocional é a reação mais natural diante da música e, talvez, a mais poderosa. Podemos ouvir música de várias maneiras. Ouvimos com o corpo quando, por meio de movimentos corporais, demonstramos nossa relação com ela (Coll; Teberosky, 2000, p. 100).

O que as autoras relatam, vale relacionar com esse momento e com o que defende Lima (2024), quando a autora fala, a música é uma arte que nos permite o manifesto dos nossos sentimentos, portanto a musicalização é uma linguagem que permite os indivíduos dialogarem e expressarem, desta forma contribuindo para o conhecimento. Após o momento do prazer físico e poderem expressarem seus sentimentos, as crianças fizeram uma receita de pirulito de chocolate. Segue na imagem 3 as crianças fazendo seu doce.

Figura 3: Gênero receita: as crianças em ação⁷



Fonte: Elaborada pela autora, 2024.

⁷ As imagens estão recortadas no intuito de guardar a identidade da escola e das crianças.

Em seguida, pedi para cada criança desenhar, seu doce favorito e escrever sobre ele, as crianças estavam fazendo a atividade quando a menina **Melodia** se levantou e foi ao encontro do quadro branco e desenhou seu doce favorito e escreveu sobre ele e fez seu discurso lúdico, eu e a turma não compreendemos sua oralidade, mas notei que sua escrita estava no nível alfabética, tem uma consciência fonológica, nota-se a letra C com escrita espelhada, portanto é comum na fase inicial da aprendizagem, com crianças de quatro à sete anos de idade, **Melodia** tinha seis anos de idade.

A figura 4 apresenta de forma ilustrativa como a aluna com SD, escreveu na lousa.

Figura 4: O doce preferido



Para a criança com Síndrome de *Down* apresentar de forma espontânea sua escrita, foi necessário práticas lúdicas, metodologias ativas e principalmente a musicalização, desta forma Sekeff et al. (2002) relata sistematicamente as características que são estimuladas pela musicalização como “aspectos cognitivos, perceptivos, psicoemocionais, corporais, sociais e de criatividade são trabalhados em vivências e experiências musicais, nas quais se pode aprender no fazer musical, e descobrir-se sujeito capaz de realizações” (Sekeff et al., 2002, p. 26). Deste sentido foi notório a capacidade da criança com Síndrome de *Down*.

Durante o restante do ano letivo trabalhamos a musicalização com atividades lúdicas, imagens grandes e coloridas para explorar o visual, assim consegui despertar o interesse de toda turma e da criança com SD, a mesma sendo incluída em todas as atividades. Minha práxis pedagógica vai ao encontro do que realça o autor, Sassaki (2009) é necessário atividades lúdicas, coordenação motora, movimentos corporais, sons, brincadeiras que fortaleçam a musculatura e o controle do corpo, como dançar, manusear massinha de modelar, explorar formas e cores. Desta forma, foram sendo conduzidas nossas aulas com ênfase na musicalização.

O pai da menina Melodia foi transferido do emprego para outra cidade no mês de novembro, assim, durante os quatros meses que a criança com SD ficou junto conosco, tentamos trabalhar dentro de uma perspectiva inclusiva e acolhedora. A menina tímida saiu dando sua opinião, da forma dela, mas, fazia questão de participar de todas as atividades e momentos dentro e fora de sala, escrevendo palavras de até três sílabas com nível de escrita alfabética e fazendo seu nome, a musicalização foi primordial em todo o processo.

Vale ressaltar outros aspectos que foram fundamentais no processo de alfabetizar a criança com Síndrome de *Down*, as adaptações nos pincéis, das fontes das atividades, a menina **Melodia**, tinha dificuldade de manusear lápis mesmo com adaptação, notamos sua deficiência visual, assim ela começou a escrever com pincéis atômico das cores mais escuras, preta e azul, as atividades eram em folhas A3 e com letras caixa alta, esses detalhes foram essenciais para deixar a criança mais segura e facilitar no seu desenvolvimento.

A figura 5 representa de forma ilustrativa a menina **Melodia**, representando que todas as crianças podem aprender, cada uma de sua forma, conforme suas vivências.

Figura 5: A criança com Síndrome de *Down* e a musicalização



Fonte: Elaborada pela autora, 2024.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo mediante o relato de experiência permitiu-nos refletir sobre alguns aspectos, primeiramente sobre a inclusão dentro da sala de aula regular, visto que para existir verazmente é necessário que o docente conheça a realidade e a singularidade da criança com deficiência, para poder usar de metodologias que facilitem o desenvolvimento cognitivo e o processo de aprendizagem.

Nota-se que as adaptações para facilitar o processo de ensino e aprendizagem, conforme foi citado do corpo do artigo, diante das necessidades da criança com SD, foram essenciais para facilitar todo seu processo durante sua estadia dentro da sala de aula. A parceria da família, seu papel ao desenvolvimento da criança com SD, em

alguns momentos sentimos resistência no requisito, criar uma rotina para a criança e acompanhamento das atividades.

Consideramos que o papel da musicalização em todo procedimento foi crucial, visto que, a utilização dela como elemento didático-metodológico-contextual, contribuindo no reforço dos laços, aumentando a confiança e auto-estima, como também no desenvolvimento cognitivo da criança com SD, facilitando no seu alfabetizar.

Identificamos o papel da musicalização no processo de alfabetização, como uma metodologia que possibilitou as crianças, principalmente a criança com SD, na percepção, na exteriorização e no contexto que foram necessários para o codificar e decodificar, mediante a linguagem musical e no processo de alfabetização, como forma de proporcionar a todos os discentes, o desenvolvimento cognitivo e competências e facilitando o alfabetizar.

Como percebido, este estudo abriu portas para uma reflexão, sobre o sentido da inclusão dentro da sala de aula regular mediado pelo fazer musical, na busca de quebras dos paradigmas, visando uma pedagogia libertadora, se apoiando em estratégias, a qual uma delas é a musicalização, a fim de consolidar uma educação que preza por uma didática que envolva questões humanas e sociais que abram caminhos para a criança com SD.

Desta forma, é perceptível as possíveis contribuições desta pesquisa, que a mesma possa contribuir para futuras(os) pesquisadoras(os) que vão investigar sobre a temática em estudo e principalmente com as práticas dos docentes no chão de suas salas de aulas ou fora dela, que outras crianças com SD possam ser alfabetizadas e que esse caminho a ser trilhado da inclusão seja construído com criticidade, acreditando que qualquer criança pode apreender.

REFERÊNCIAS

BEYER, H. O. **Inclusão e avaliação na escola:** de alunos com necessidades educacionais especiais. Porto Alegre: Mediação, 2005.

BUCKLEY, S., BIRD, G. **Including children with Down syndrome.** Down Syndrome News and Update., v.1, n.1, p.5-13, 1998

BRAGA JUNIOR, Francisco Varder. BEDAQUE, Selma Andrade de Paula. **Deficiência auditiva e o atendimento educacional Especializado.** Mossoró : EdUFERSA, 2015.

CAMPELO, Jonas Ramos. **A construção da aculturação musical de crianças com Síndrome de Down no contexto da musicalização inclusiva na PMDF**. 2018. 78 f., il. Dissertação (Mestrado em Música)—Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

CASTRO, A. S. A.; PIMENTEL, S. C.. **Síndrome de Down: desafios e perspectivas na inclusão escolar**. . In: DÍAZ, F., et al., orgs. Educação inclusiva, deficiência e contexto social: questões contemporâneas [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 303-312. ISBN: 978-85-232-0928-5. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/rp6gk/pdf/diaz-9788523209285-28.pdf>>. Acesso em: 29 de maio de 2024.

CUNNINGHAM, C. **Síndrome de Down: uma introdução para pais e cuidadores**. Tradução de Ronaldo Cataldo Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

COLL, C. ; TEBEROSKY, A. **Aprendendo arte: conteúdos essenciais para o ensino fundamental; para trabalhar os parâmetros curriculares nacionais**, Editora: Ática, 2000.

DA SILVA GOMES, A. M.; FILHO, G. A. DA S. L.; FERREIRAS, F. S.; AZEVEDO, T. B. V. DE. BENEFÍCIOS DA MUSICALIZAÇÃO EM CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN SOB A ÓTICA DA TERAPIA OCUPACIONAL: UMA REVISÃO DA LITERATURA. **Revista Artigos. Com**, v. 20, p. e4415, 24 set. 2020.

FAIRCLOUGH, N. Analysing discourse. Textual analysis for social research. **Language in Society**, V. 35, 2003.

GONÇALVES, F. D. et al. **A promoção da saúde na educação infantil**. Interface - Comunic. Saúde, Educ., v.12, n.24, p.181-192, 2008.

GRAAF, G. **Supporting the social inclusion of students with Down syndrome in mainstream education**. Down Syndrome News and Update. v.2, n.2, 2002.

HOOKS, Bell. **Ensinando pensamento crítico: Sabedoria prática**. Editora Elefante. ISBN: 9786587235134, 2020.

LIMA, T. DOS S. **As crianças Sem Terrinha: A pragmática musical no processo de alfabetização e letramento**. 2024. 170f. Dissertação (Mestrado Acadêmico ou Profissional em 2024) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2024. Disponível em: <<http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=114051>> Acesso em: 5 de junho de 2024.

MAGALHÃES, I; MARTINS, A. R.; RESENDE, V. M.. **Análise de Discurso Crítica: um método de pesquisa qualitativa**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2017. 260 p.

MENDONÇA, P. B. DE O.. A METODOLOGIA CIENTÍFICA EM PESQUISAS EDUCACIONAIS: PENSAR E FAZER CIÊNCIA. **Interfaces Científicas - Humanas e Sociais**, v. 5, p. 87, 2017.

MINAYO, M. C. de S. (org). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MUSSI, R. F. F.; FLORES, F. F. ; ALMEIDA, C. B. . Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional** (Online), v. 17, p. 1, 2021. Acesso em: 21 de maio de 2024.

PENNA, M. Professores de música nas escolas públicas de ensino fundamental e médio: uma ausência significativa. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 7, p. 7-19, 2012.

SANTOS, Deribaldo. **A ética na grande estética de Lukács: a arte como unanimidade anônima**. Marília: Lutas Anticapital, 2021.

SASSAKI, R. K.. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. **Revista Nacional de Reabilitação (Reação)**, São Paulo, Ano XII, mar./abr. 2009, p. 10-16.

SCHAFER, R. M. **O ouvido Pensante**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011. 13 p

SCHWARTZMAN, José Salomão. **Síndrome de Down**. São Paulo: Editora Mackenzie, 1999.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo, SP: Cortez, 2007.

SEKEFF, Maria de Lourdes et al. **Da música, seus usos e recursos**. São Paulo: UNESP, 2002

SILVA, I. A.. BARRETO, M. F. F.. Análise das modalidades de desenvolvimento cognitivo nas crianças com Síndrome de *Down*. **Caderno Intersaberes**, v. 1. N.1, jul./dez., 2012. Acesso em: 27 de maio de 2024.

SOARES, M. Alfabetização e Letramento: caminhos e descaminhos. **Revista Pátio** n.29, 2004.

SOUSA, A. O. B. **Identidades (Des) coloniais nas práticas de letramento do Projovem Campo: Saberes da Terra**. 2015. 125f. (Mestrado em Educação e Ensino). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015.

WACHHOLZ, N. R. ; MOLL, J. . **A musicalização na Educação Especial: um caminho para a formação integral**. In: XIV Colóquio Internacional de Educação e Contemporaneidade, 2020, São Cristóvão. Anais do XIV Colóquio Internacional de Educação e Contemporaneidade. São Cristóvão: Educon, 2020. v. 14. p. 1-17.